



DEPOIMENTO

SALVADOR VICENTE

Em 2003, servidor da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu a função de encarregado do Setor de Tramitação de Proposições do Departamento de Comissões.

ENTREVISTADORES:

Glória Varela, Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho

LOCAL:

Brasília

DATA:

5/9/2003

DURAÇÃO:

53 minutos

TÓPICOS:

A vinda para Brasília; a infra-estrutura da cidade; time de futebol da Câmara; a rotina na Câmara; o respeito aos deputados; fechamento da Câmara durante a Ditadura.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Por favor, conte-nos em que circunstâncias o senhor ingressou na Câmara dos Deputados.

O SR. SALVADOR VICENTE – Boa tarde a todos. Salvador Vicente, às ordens. Eu entrei na Câmara dos Deputados em 14 de abril de 1960, no quadro da Zelandoria. Trabalhava no Rio de Janeiro e fui transferido para Brasília no dia 20 de janeiro de 1961.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – No Palácio Tiradentes, o senhor ficou menos de um ano?

O SR. SALVADOR VICENTE – Menos de um ano. Então vim para Brasília, mas não queria. A Câmara, inclusive, nos dava vinte dias para conhecer Brasília. Quem quisesse vir ficaria hospedado no Hotel Nacional. Havia um cicerone para mostrar como era Brasília. Eu recusei, porque sei como é duro entrar numa casa que está em construção. “Vou lá em Brasília fazer o quê?” “Mas, amigo, vamos, vamos.” – diziam alguns. “Eu não vou.” – respondia. Vieram. Aí, meus colegas ficaram por lá e diziam: “Venha, venha.” Quando foi dia 20 de janeiro de 1961, um colega me perguntou: “Você já foi lá no quadro?” “Não!” – respondi. Era um quadro negro, mas chamávamos “pedra”. Ele então me disse: “O seu nome está lá para ir para Brasília.” Senhoras e senhores, eu chorei! Eu tinha 21 anos, mas chorei como criança pequena porque eu não queria vir para Brasília. Eu rodeei a Câmara todinha para evitar a minha vinda, mas, por ironia do destino, não teve jeito.

Ao chegar em Brasília, a minha vida começou a mudar. Comecei a trabalhar na cidade, mas de vez em quando estava no Rio. Naquela época, quando tinha chance, tirava férias ou licença e corria para o Rio de Janeiro. Quando cheguei aqui, nada de Brasília entrou no meu coração ou na minha mente. Não fiquei decepcionado, mas fiquei sem saber o que fazer. Estava perdido em Brasília.

O tempo foi passando, passando... Quando chegamos ao aeroporto, às 15 horas – minha patroa, meu filho pequeno com uma manta branquinha de lã e eu –, e descemos do avião, deu um rodão, senhora! Essa torre de TV era mais baixa. Naquela ocasião, eu ainda não era evangélico, ainda estava com certa influência e falei tanta coisa de Brasília! Mas escureceu tudo, ninguém via nada daqui para ali. Só senti quando bateram na minhas costas. Falei: “Mas quem é que está batendo nas minhas costas?” Disse logo um palavrão, mas um palavrão pequenino. Eram o piloto e o co-piloto. Um deles disse: “Rapaz, eu estou vendo que você está nervoso. Fique calmo.” Respondi: “Ficar calmo? Mas eu não gosto daqui!” Ele falou: “Você vem para cá, mas a Câmara dá recesso constantemente e você vai para o Rio de Ja-

neiro. Eu também sou do Rio e estou aqui.” “Mas o senhor está no Rio, na América do Norte, em toda parte do Brasil e do mundo. E eu fico aqui pensando!” Ele disse: “Calma, você vai embora para Brasília. Tenha calma. Você está começando agora. Tudo tem um começo, um meio e um fim.” Respondi que estava tudo bem, mas não me conformei.

Cheguei a Brasília e já começou tudo por aqui. Vim diretamente para cá sem residência para depois ganhar a moradia. Eles queriam logo mandar os funcionários para cá, para, em seguida, entregar a casa. Eu falei: “Tá bem!” Cheguei aqui e morei com o meu cunhado uns seis meses. Ganhei um apartamento, mudei para esse apartamento, onde resido até hoje. Há 42 anos moro na 406 Norte. Na Zona Norte.

Daí para cá, Brasília não entrou no meu conceito. Eu não me adaptei a nada em Brasília, nem na questão da saúde. Eu não a perdi, mas diminuiu. Quando me pessei no aeroporto para vir para Brasília, tinha 64 quilos e meio. Hoje estou com 53 quilos e não passo disso. Sou atleta, pratico atletismo, pratico esporte. Pratiquei esporte aqui em Brasília por 31 anos; esporte pesado, bruto, que requeria esforço físico todos os dias. E eu fazia.

Moral da história: fui esperando, esperando que Brasília entrasse na minha mente, mas isso não ocorreu. Por quê? Primeiro, a amizade aqui é difícil. Aqui para a gente fazer uma amizade pura e sincera é difícil. Não vou dizer que não se consegue, mas é muito difícil.

O clima daqui também judia de mim. Olhem, tomei banho, passei creme, mas fico todo ruço. Logo quando cheguei aqui meus lábios rachavam tanto que eu não podia nem sorrir. Eu tinha de ficar me molhando e passando creme na pele todos os dias. Isso me decepcionou por cinco ou seis anos em Brasília. Graças a Deus o problema melhorou. Eu não passo disso. Fico nisso toda a vida.

Outra situação a que não me adaptei é a de morar 31 anos em um lugar e não ter uma amizade firme. Há 42 anos estou no mesmo apartamento, na Asa Norte, e não conheço os vizinhos. Não conheço meus vizinhos nem eles fazem questão de me conhecer. Então, quando a gente vai entrar na mesma portaria, eles correm na frente para entrar primeiro. Se eles vêem que não dá, diminuem o passo só para não falar. Se nos encontramos, quando subimos ou descemos as escadas, então, falamos bom-dia ou boa-tarde. Isso me mata porque no Rio de Janeiro – quem conhece sabe – arranjamos amigos rápido. Se eu não conheço você mas você conhece meu amigo, desenvolvemos uma amizade firme. Aqui não. Tudo isso me entristece. Brasília não preencheu a minha vida.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Até hoje?

O SR. SALVADOR VICENTE – Até hoje. Até este momento em que eu estou falando não preencheu, e creio que isso não vai ocorrer.

Agora, não meto o malho em Brasília e nem digo que Brasília não presta. Brasília é uma cidade boa, mas para mim não, porque não me adaptei.

Dou valor a Brasília. Agora vou falar bem de Brasília. É um dos melhores lugares em que já passei, porque, em matéria de ensino, Brasília bate recordes. Não sei se é no Brasil todo, mas em cada quadra da cidade tem dois ou três colégios. Lá no Rio de Janeiro a gente anda três, quatro, cinco quadras... – não, lá é bairro – ...nenhum bairro tem dois ou três colégios. Nenhum bairro! Aqui numa quadra tem três colégios. Então, no que diz respeito ao ensino, Brasília supera o Rio de Janeiro de longe.

Mas se isso fosse tudo até me adaptava. Mas não é só isso. Tem coisas que favorecem e tem coisas que desfavorecem. Não me adaptei a Brasília. Estou aqui até hoje, mas não me adaptei.

Estou juntando todo o meu tempo de serviço, porque nunca tirei licença-prêmio. Nunca! Nunca! Tenho férias, tenho um recesso perdido, prescrito, porque não o utilizei. Não vou tirar recesso para ficar em casa à toa. Tenho nove netos em casa. Já tenho quase bisneto. Tenho um neto que vai fazer 21 anos. Assim, prefiro ficar trabalhando. Além disso, sou massagista, sou fisioterapeuta, sou professor de educação física. Tenho meus certificados. Trabalhei 34 anos como massagista nos times de futebol de Brasília. Fui considerado o massagista mais veloz de Brasília. Em 33 anos, sinceramente, não teve ninguém que me acompanhasse, não. No estádio, quando se machucavam dois jogadores, porque o de um time se chocava com o do outro, tanto fazia se o outro massagista saísse primeiro ou junto comigo, porque ele ficava sempre por último. Eu passava ele no caminho. Tranqüilo! Moral da história: fui filmado, televisionado, saí no Globo Esporte, saí no jornal, no Fantástico, em tudo. Então, o meu “vulgo” é Papa-Léguas. Em Brasília o meu “vulgo” é Papa-Léguas – podem anotar aí.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Quando o senhor veio trabalhar em Brasília, o senhor tinha pouco tempo de Câmara, menos de um ano, ou seja, a sua vida profissional foi construída aqui. Como era o trabalho naquela época?

O SR. SALVADOR VICENTE – O trabalho, antigamente, era na Zeladoria. Eu limpava a Casa, fazia faxina. Hoje a Câmara tem firma. Antigamente não era assim.

Nós é que fazíamos o serviço. De um certo tempo para cá a Câmara resolveu – não sei se foi em 1969 ou 1970 – contratar a Confederal para fazer a limpeza da Casa. Nós fomos trabalhar nos gabinetes.

Antes eu vinha pela manhã e trabalhava até às onze horas na Zeladoria. Quando terminava o expediente, ficava aqui até às treze horas, quando ia para casa. Uns eram contratados para fazer trabalho extraordinário. Eu nunca fiz extraordinário nesta Casa, até 1969. Não tinha vaga para mim, só para os outros. Eu acabava de almoçar e ia para casa. E eu sendo barbeiro também – mais uma profissão –, porque exerço a função desde quatorze anos, resolvi abrir uma barbearia no quarto de empregada do meu apartamento. Construí uma cadeira de madeira que até hoje os próprios profissionais da área me perguntam como consegui aquele móvel. É uma cadeira de barbeiro, estofada direitinho. Naquele tempo eu cortava cabelo. O cabelo custava 1 real e a barba 50 centavos. Eu, para não ficar meio dia em casa à toa, ficava com meus filhos ali.

Deram parte de mim no meu bloco. Meus filhos atendiam a quem batia à porta. Tinha a sala, o corredor de serviço e eu ficava lá no quarto de empregada. Tinha um filho que ia fazer quatorze anos e eu dizia para ele o seguinte: “Olha, você atende o freguês e manda sentar na sala direitinho e me aguardar.” Assim ele fazia. Um belo dia bateram à porta da minha casa três senhores claros e bem fortes. Meu filho abriu a porta e pediu que eles se sentassem. Eles perguntaram: “Aqui que é a barbearia?” Meu filho respondeu: “Não, meu pai que quebra o galho e corta cabelo.” Eu já tinha ensinado meu filho que era um quebra-galho. Aí eles ficaram esperando. Eu terminei de cortar o cabelo de um coronel que morava acima do meu bloco. Havia um coronel e um tenente-coronel que moravam do outro lado da rua, próximo à UnB. Ali era uma “barracada”, não tinha nada. Era mato, barraco e a pista de chão, mais nada.

O meu filho mandou eles entrarem e eles sentaram. Eu tinha um bar grande. Eu sou muito querido por muitos deputados antigos, e agora pelos novos. Então, eles me davam quase todos os meses uma garrafa de bebida; aquelas cachaças com um caju dentro, aquelas... tudo eles me davam e eu botava no meu bar. Então, eu dizia para o meu filho: “Quando chegar uma pessoa assim... não qualquer um, mas um senhor idoso... você pergunte se ela toma um traguinho.” Os fiscais chegaram, o meu filho ofereceu a bebida e eles disseram que não iriam beber nada. Meu barzinho limpinho e tal... Mandeí chamá-los. Aí, eles chegaram, botaram as mãos nas cadeiras, olharam assim... – porque meu quarto tem a portinha aqui e daqui prá cá, o quarto todinho. Então você entra por aqui prá olhar aqui. E meu salão era bem aqui. [O

entrevistado gesticula explicando a planta de seu apartamento] – Eles entraram no meu apartamento, olharam um para o outro e balançaram a cabeça. Como não sou bobo, percebi logo que eles eram fiscais. Um deles perguntou: “Há quantos anos o senhor trabalha aqui?” Eu respondi: “Estou aqui há um ano e pouco.” Ele disse: “Deram parte do senhor e disseram que o senhor tinha um salão de barbeiro dentro de casa. Não sei se o senhor entendeu, não vou dizer que o senhor seja leigo, mas o senhor sabe que não pode ter salão de barbeiro em casa.” Respondi: “Bem verdade. Ter salão e até mesmo cortar cabelo eu sei que não é bom.” Ele afirmou: “É porque entra um elemento embriagado dentro da sua casa, o seu filho é de menor, atende, depois que ele estiver dentro da sua casa vai fazer desordem e até o senhor botá-lo para fora será difícil.” Eu disse: “É bem verdade! Vou seguir o seu conselho.” Ele disse: “Eu sou fiscal. Somos todos os três. O senhor pára com o salão para não entrar no prejuízo.” Eu disse: “Tá bem.” Mas eu necessitava daquilo. Eu ganhava pouco... não era pouco...! porque a Câmara sempre pagou bem, modéstia à parte. Eu posso falar com a boca bem grande: a Câmara paga um dos... não vou dizer que é um dos maiores, porque não trabalhei em todos, mas, pelo que me parece, é um dos melhores órgãos. É a Câmara. Aí, eu falei para ele: “Está bem, doutor. Eu não vou trabalhar mais. Vou parar.” Mas a necessidade me obrigou a trabalhar.

Passado um mês, veio outro. Vieram três fiscais lá em casa. Veio o primeiro, o segundo e o terceiro. O fiscal disse: “Olha, já recebi queixa do senhor. Esta é a segunda vez, não é verdade?” Eu respondi que sim. Ele falou: “Olha, então, o senhor fecha, porque vai vir uma multa da Fazenda que o senhor vai ter de vender o seu apartamento para poder pagá-la, porque o senhor está infringindo a lei.” Concordei: “Bem verdade.” O fiscal perguntou ainda: “Mas o senhor vai deixar ou vai continuar?” Eu disse: “Não, senhor, a primeira vez a gente erra, assim como na segunda, mas na terceira vez não posso mais errar. Estou infringindo a lei.” Ele disse: “Muito bem.” Ele foi embora, desmanchei tudo e continuei em casa à toa.

Quando cheguei em Brasília, mal sabia escrever meu nome. Eu não sabia. Escrevia o meu nome pessimamente. Por quê? Sou dançarino, sou bailarino, sou sambista. No Rio de Janeiro, aprendi tudo isso, mas não estudei. Por quê? Porque no Rio de Janeiro, na minha época, não havia escola noturna, só diurna. De dia eu trabalhava, desde os dez anos de idade.

Hoje eu estou com esse tempo todo de serviço. O meu serviço é este, que os senhores vêem. É formular papel, é concatenar os projetos dos deputados, mas as minhas mãos são assim, parecem mãos de trabalhador de enxada. Nunca saíram. Tenho um calo de cinquenta anos.

Vim para Brasília. Cheguei aqui e comecei minha batalha. Eu, sem ter o que fazer, pensei: “Quer saber de uma coisa? Vou entrar num colégio.” Nesse tempo, tinha um colégio, um barracão de madeira na L2 Norte, 603/604 Norte. Ali, no decorrer da semana, era um restaurante para dar almoço para os peões de obra. Sábado e domingo eles tiravam as mesas e faziam bailes para o pessoal dançar. Eles construíram mais um barracão do lado onde davam as aulas de segunda a segunda. Eu entrei para a aula, fui estudar.

Eu não sabia nada. Mas, graças a Deus, ali aprendi a ler, a escrever, a escrever meu nome. Hoje, como eu penso eu escrevo. Adaptei-me. Eu trabalhava, estudava e lutava boxe. Lutei boxe por trinta e poucos anos.

Fazia tudo isso num tempo só, porque era possível. Saía daqui da Câmara ao meio-dia, almoçava, ficava em casa um pouquinho e ia para o colégio. Eu estudava à tarde. À noite eu ia para o boxe, lá na Academia da Polícia Federal. Assim, consegui me consagrar no boxe.

Essa foi a minha vida. Até hoje vivo na batalha. Depois pensei em trabalhar mais. Cismei em criar um time de futebol. É para contar toda a minha vida, não é? Fiz um time de futebol. As pessoas diziam: “Olha, você vai vender a sua mulher para fazer um time de futebol.” Eu dizia: “Vendo, alugo e arrendo, mas vou fazer um time de futebol.” E fiz um time de futebol, o União Futebol Clube. Tem uns cinco diretores da Casa que foram jogadores do meu time. Foram todos criados com meus filhos. Todos criados com os meus filhos. Então, fiz um time de futebol. Aí comecei a pensar em qual seria a minha função no time. Nomeei o presidente, ajeitei o quadro de pessoal todo, planejei tudo. Fiquei como massagista. Mas massagista, para mim, era um papel. Só sabia que quando o jogador se machucava era preciso botar gelo, mais nada.

Fui vice-campeão no Gama. Ganhei uma taça de vice-campeão. Depois veio jogar um time da Planeta – Planeta era a empresa Pioneira, naquele tempo. Ela era de propriedade de um japonês chamado Matsunaga. Eles vieram jogar comigo e gostaram.

Certa vez eu fiz uma caixa de madeira quadrada, com tampa, com uma cruz vermelha, para mostrar que era massagista. Tinha tudo ali, éter, Melhoral infantil, algodão. Tinha tudo ali dentro. Quando o jogador se machucava, corria com aquilo ali.

Quando esse time veio para cá, mandou me chamar. Foi jogar comigo. Marcou um jogo comigo, na Universidade, ali em frente à UnB, próximo ao Colégio Inei. Ali na

entrada tem uma quadra que era um campo de futebol. Era o tempo do Rabello, Defelê, Nacional, daqui de Brasília. Eu ia jogar no Nacional mas decidi formar o meu próprio time de futebol. E fiz. Foi quando o pessoal do time da Planeta, que era um dos melhores da cidade, depois do Ceub, me chamou. Eles não tinham massagista. Saíam para jogar em Belo Horizonte, Patos de Minas, para tudo quanto é canto. E não tinham massagista. Chegavam lá, era aquela angariação. Eles, vendo aquilo, não sabiam se eu era massagista ou não. Eu só sei é que eu estava vestido de médico. Então eu era médico. Eu sempre trabalhei vestido de branco. Deveria ter trazido um retrato meu vestido de branco.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor tem de trazer esses retratos.

O SR. SALVADOR VICENTE – Eu vou trazer. Pode marcar que eu trago até segunda-feira. Ou hoje mesmo vou à minha casa, apanho e trago. Fui trabalhar. Eles me disseram: “Vamos trabalhar na Planeta? Você não vai ganhar nada. Você vai ter vale-transporte e vai viajar de graça.” “E o meu time?” – respondi. “Arranja outro” – eles argumentaram. Fui trabalhar na Planeta.

Trabalhei 22 anos na Planeta na condição de massagista. Em seguida, veio o Vasco da Gama do Rio de Janeiro e montou um time aqui: Clube de Regatas Vasco da Gama. Foi ali que me profissionalizei. O próprio time da Pioneira se juntou ao time do Vasco da Gama do Rio. Então, ali eu me profissionalizei. Era o major Carlos quem tomava conta do time. Então, ali eu me profissionalizei. Com o meu modo de correr – porque eu corro muito. Modéstia à parte, eu corro muito! – os policiais ficavam doidos comigo. Todo o mundo. Eu participava dos jogos no estádio Mané Garrincha, fui a Patos de Minas, a Belo Horizonte. O pessoal ficava louco comigo. Quando saio, ninguém me segura, não. E eu corro pulando.

Um belo dia o Nelson Motta – não sei se o senhor o conheceu aquele repórter de Brasília...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Nelson Motta Gomes.

O SR. SALVADOR VICENTE – Isso! Ele que me promoveu. Um dia ele me entrevistou lá no Pelezão. Ele disse: “Salvador, vem cá. Por que você corre assim?” Eu disse: “É o meu modo de correr.” Ah!, eu levei um tombo ali no Pelezão, lotado, porque a grama estava um pouco alta. Mas eu dei um pique tão grande que eu mesmo senti que corri. Eu tropecei, caí e minha bolsa de massagem foi parar como daqui lá

na porta. Eu ia para lá e, quando levantei meio grogue, voltei para cá. Os jogadores riam. O estádio Pelezão, naquele tempo, lotava. Foi uma gritaria: “O Salvador caiu! O Salvador caiu!” Quem sabia o meu nome gritava, e o pessoal da Câmara vivia sempre lá. Aí me levantei, apanharam o meu material e me entregaram. Aí eu fui. E eu não sabia que estava sendo filmado, televisionado. Quando terminou, o Nelson Motta disse: “Salvador, por que você corre assim?” Eu respondi: “É o meu modo de correr.” “E como você se sente quando o pessoal vaia você?” “Vaia, para mim, é aplauso. Eles estão me aplaudindo.” “Por quê?” “Geralmente, quando a pessoa vai ao circo, tem que ter um palhaço. Qualquer lugar tem que ter um artista e um palhaço. Eu não pareço um palhaço, mas faço graça para os outros rirem.” Ele disse: “Mas esse é o seu modo mesmo?” Eu disse: “É o meu modo mesmo.” Aí ele falou: “Olha, eu vou colocar um apelido em você. Você não se incomoda?” Eu disse: “Não, apelido, para mim, é nome.” Ele disse: “Olha, vou pôr um apelido em você para toda a vida.” Eu disse: “Para toda a vida! Até quando eu morrer! Se eu estiver vivo ou morrendo, esse apelido eu vou guardar como nome.”

Aí passou. No outro jogo me filmaram correndo. A câmera me levava lá... me trazia cá... atrás... de novo... Era uma gritariiiiiiaaa! Era aquela faaaarra! Um belo dia, saio eu e um outro parceiro junto comigo. No pique, ele correndo comigo, dei um pulo e caí na frente dele, atravessei e fui embora. Ele queria me agarrar para correr junto comigo mas não deu, eu atravessei. No outro dia saiu no jornal: “Salvador, o Papa-Légua, o massagista mais veloz de Brasília.” Daí saiu no jornal O Globo, no Fantástico e em tudo quanto foi rádio.

Bem, e assim foi a minha vida e continua até hoje.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E o futebol com o time da Câmara? O senhor chegou a jogar?

O SR. SALVADOR VICENTE – Joguei! No Juventude. Eu era goleiro. Sempre fui goleiro e lateral direito.

Um belo dia fomos jogar na Vila Planalto. Tinha um lateral da sua altura. Eu era goleiro. Como já tinha goleiro e faltava um lateral, fui jogar na lateral direita. Esse cara olhou para mim e disse: “Você é que é o lateral direito?” Eu disse: “Sou.” “Mas você?” Eu disse: “Sou eu mesmo.” Ele disse assim para mim: “Você não está vendo que não tem condições de ser um lateral direito?” Eu disse: “Por quê?” “Você não está vendo a sua altura?” Eu disse: “Nem sempre altura é documento.” Ele disse: “Olha, rapaz, eu vou fazer gol como eu quero.” Eu disse: “Pois você se enganou. Hoje você não vai fazer um gol sequer. Você vai ver.”

Bom, passou. Aí ele via o campo cheio de gente, porque era de graça, e ele passou fazendo a maior farra em volta do campo, dizendo: “Olha lá, olha lá, é ele quem vai me marcar! Papa-Léguas, Salvador, olha aí! Esse pequenininho.”

Meu senhor, quando começou o jogo, a primeira bola que veio para ele veio alta. Eu sabia que ia perder para ele. Eu ia pular com ele para quê? Quando ele ameaçou pular, pisei nos pés dele sem o juiz ver. Ele quis ir e não foi, e tomei a bola dele. Na outra bola ele veio. Quando ele veio para disputar comigo, que ele quis pular, eu meti o ombro nele, tirei ele fora da jogada e a bola passou pela cabeça dele. Olha, foram noventa minutos de jogo e ele não conseguiu. Ele não conseguiu fazer um gol. Quando saiu do campo, ele me deu um abraço tão grande e tão apertado! E disse: “Nego... desculpe-me, eu não estou te ofendendo não, eu estou te chamando de nego porque também sou negro – ele era branco, mas disse que também era negro –, mas tu és de morte!” Eu disse: “É, você disse que ia fazer um gol e não fez nada.”

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Que time era esse?

O SR. SALVADOR VICENTE – Era um homão. Ele jogava no Viplax.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Com quais times a Câmara jogava?

O SR. SALVADOR VICENTE – Ah, o time da Câmara jogou muito. Jogou em Belo Horizonte, Goiânia, Anápolis, Luziânia, Patos de Minas, Formosa... Jogamos em quase todas as cidades ecléticas de Brasília.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E aqui em Brasília jogava com...

O SR. SALVADOR VICENTE – Jogava com o Defelê, Nacional, Rabello. Jogamos com o Ceub, que também era um grande time naquela época.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E todos os jogadores eram funcionários?

O SR. SALVADOR VICENTE – Quase todos. Um ou dois não eram, mas tudo era da Câmara, nós tínhamos grandes jogadores aqui.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor mencionou há pouco que não fazia hora extra, não fazia as extraordinárias até 1969.

O SR. SALVADOR VICENTE – Por aí.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O que aconteceu em 1969? O senhor começou a fazer sessões extraordinárias?

O SR. SALVADOR VICENTE – Aí foi que eu comecei, porque aí eu fui trabalhar em uma comissão. Aí eu saí da Zeladoria. Eu trabalhava meio dia na Zeladoria e do meio-dia em diante tinha a comissão, até a sessão terminar. Até o término da sessão. Daí para cá, como a Câmara tinha poucos funcionários, eu comecei a fazer as sessões extraordinárias. Trabalhava até o término da sessão ganhando extra. Mas de 61 até 69 nunca fiz extraordinária porque não tinha chance. Eu não fazia. Mas me sinto feliz por isso.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Seu Salvador, eu queria voltar um pouquinho a abril de 1960. Quando o senhor entrou para a Câmara, como era a Câmara no Rio?

O SR. SALVADOR VICENTE – Olha, a Câmara...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Como era a relação entre o senhor e os colegas?

O SR. SALVADOR VICENTE – Ah, eu não lembro. No meio de uns duzentos funcionários, não lembro qual tinha mágoa de mim. Quando entrei na Câmara, tinha o Rafael. Eu entrei antes dele, mas ele não se dava comigo, ele dizia que não “ia” comigo. Ele me achava um crioulo sambista, metido a coisa. Eu dizia: “De fato, sou sambista mesmo!” Mas ele tinha a impressão de que eu não ia me adaptar a ele. Mas foi engano. É um dos maiores colegas que hoje tenho aqui na Câmara. Chama-se Rafael Mendes de Souza.

Ele veio trabalhar comigo. Nós lavávamos o mármore branco da Câmara todo. Ele veio trabalhar comigo e eu ficava meio invocado com ele. É claro! Ele é da cor desse senhor que se encontra aí. Ele me olhava assim... Nós estávamos trabalhando e ele... Até que nos adaptamos e hoje somos os melhores colegas que tem aqui. Ele acabou percebendo que eu não era o que ele pensava. Ele pensava que eu era um negro daqueles, farrista, vagabundo, brigão. Mas não.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Ele ainda trabalha?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, ele se aposentou primeiro que eu. Ele era mais novo do que eu, mas completou o tempo e saiu. Eu permaneço aqui por tempo indeterminado, porque eu posso sair daqui hoje ou amanhã, posso segunda-feira

não vir mais trabalhar, como também posso sair pela “expulsória” – desculpem a expressão, é como tratam a compulsória.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – No dia em que o seu nome foi publicado lá na pedra tinham outros que...

O SR. SALVADOR VICENTE – Outros também.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E todos compartilhavam da sua visão de não querer vir?

O SR. SALVADOR VICENTE – Quase todos, porque o que eu falei ali na Câmara foi para todo mundo saber.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E quando vocês chegaram aqui vocês chegaram juntos?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não. Eu cheguei primeiro, chegaram outros primeiro. Chegou um grupo.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E esse grupo veio fazer o que aqui? Quando vocês chegaram, em 1961, o que vocês começaram a fazer aqui?

O SR. SALVADOR VICENTE – Limpando a Casa. Era faxineiro.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E já estava funcionando normalmente a Câmara?

O SR. SALVADOR VICENTE – Já, já. A Câmara começou a funcionar no dia 21 de abril de 1960 – a Câmara inaugurou aqui. E eu vim no dia 20 de janeiro de 1961.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Trabalhar aqui era mais difícil do que trabalhar no Rio? O trabalho era mais difícil?

O SR. SALVADOR VICENTE – Só que aqui tinha mais palha de aço. A gente tinha que limpar na palha de aço, porque era tudo taqueado. No Rio era mármore e taco, mas era um taco sintecado, não precisava passar palha de aço, era só passar um pano e pronto. Aqui, não, aqui era na palha de aço. Sambei muito na palha de aço aqui. Fui um grande sambista na palha de aço aqui. Fui considerado o elemento mais ligeiro aqui na Câmara com a palha de aço.

É! Não quero esconder nada do que eu fui. O que eu não fui, eu não fui. Agora, o que eu fui também eu tenho a honra e a glória de dizer.

Eu pegava na palha de aço, botava uma num pé, outra no outro e saía assim. Eu passeava tudinho isso aqui. Eu tirava esse cômodo todinho em uma hora, uma hora e pouquinho, na palha de aço – e bem tirado –, e ficava dessa cor aqui.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Qual o número do seu ponto?

O SR. SALVADOR VICENTE – Meia, nove, dois. Seiscentos e noventa e dois.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Hoje o senhor deve ser o servidor mais antigo em atividade.

O SR. SALVADOR VICENTE – É, dizem. Não estou a par, porque tem um no Anexo I que também é do meu tempo. Deve ser ou mais novo ou mais velho do que eu pouca coisa.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – O senhor conhece o Deraldo?

O SR. SALVADOR VICENTE – Conheço o Deraldo.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – O Deraldo é dessa época também.

O SR. SALVADOR VICENTE – É, mas é mais novo. O Deraldo entrou aqui em Brasília.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Se não me engano, o ponto dele é seiscentos e pouco, não é?

O SR. SALVADOR VICENTE – Acho que é 680. Uma coisa assim.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Mas dessa sua turma não tem mais ninguém?

O SR. SALVADOR VICENTE – Olha, para lhe dizer a verdade, eu creio que só deve ter dois aqui: um no Anexo I e outro no Anexo IV. Não sei qual é o mais velho dos três, mas da minha turma só há três. Por isso, não me considero o mais antigo porque não sei o número do ponto deles. Agora, dos que eu conheço, sou o mais antigo.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Seu número é...

O SR. SALVADOR VICENTE – Seiscentos e noventa e dois.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Sr. Salvador, como era a relação do pessoal da zeladoria com os deputados naquela época?

O SR. SALVADOR VICENTE – Era muito mais rígida do que hoje. Trabalhei na Câmara no Rio por quase um ano e eu não via os deputados chegarem. Porque nós saíamos meio-dia e eles chegavam à tarde. Para falarmos com deputado era difícil. A secretária, para falar com o deputado, só o tratava de “Excelência”. Até hoje não sei falar “deputado”. Eu passo por eles e digo “Excelência”. Isso já gravei. Às vezes estou conversando e as pessoas falam “deputado” e eu falo “Excelência”. Foi o início da minha criação. Hoje respeito um deputado como um presidente da República, como sempre respeitei. E eles me respeitam, gostam de mim. Há muitos deputados que gostam bastante de mim. Os que não gostam também não dizem nada, sempre passam por mim e me cumprimentam com um bom sorriso. Também porque sabem da minha vida por meio de informações. Então, eles marcam a pessoa... Há deputados que não conheço mas que passam por mim e dizem: “Salvador...!” e me dão tapas nas costas. Eu digo: “Tudo bem, Excelência!” Mas eu mesmo não os conheço, só sei que são deputados por causa do...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Quais as boas lembranças que o senhor tem de seu trabalho na Câmara desde que entrou aqui?

O SR. SALVADOR VICENTE – Em primeiro lugar, boa amizade. Sempre humilde, sempre respeitando as sugestões dos outros. Não seguia tudo que me diziam, mas aceitava e guardava comigo, observava. Antes de entrar na Casa – eu nem sonhava em entrar – já conhecia a Câmara através do meu cunhado, o irmão da minha patroa. Ele se aposentou agora pela compulsória, com 48 anos de serviço público. Então, ele sempre me dizia: “Olha, meu cunhado... – eu ainda era seu futuro cunhado, ainda não tinha casado com a irmã dele, mas já tinha aquele negócio de entrar para a Câmara – ...olha, Salvador, você vai guardar esse mandado contigo: cuidado, boca, com o que fala; mão, com o que pega; olhos, com o que vê e ouvidos, com o que ouvem. Tem coisas que você viu, mas não viu. Tem coisas que estão ali, mas que você deixa lá. Então, você entrando nesse quadro morre de velho na Câmara.” Isso entrou na minha cabeça e ficou gravado.

Tanto que quando eu tinha quatro, seis meses de Casa eu limpava a Tesouraria, lá no Rio. Um belo dia cheguei para abrir – só eu e o chefe entrávamos ali. De manhã cedo só eu tinha a chave para entrar ali. O meu chefe, que foi o primeiro que a Câmara teve [na Zeladoria], para entrar na comissão, batia na porta, porque eu trabalhava com a porta fechada. Eu achei uma cédula de 500 reais [cruzeiros]. Aquela cédula grande! Fui limpar embaixo de uma cadeira e vi aquela cédula. Olhe, meu coração bateu! Só faltou voar pela boca! Eu não sabia o que eram 500 reais [cruzeiros]. Jovem... eu fiquei pensando... pensei... pensei... Fui chamar o chefe, mas ele tinha saído para tomar cafezinho. Fiquei com medo de apanhar a cédula. Ele só voltou à comissão à tarde. Com um giz, risquei no chão onde estava a cédula, apanhei a cédula e a coloquei no bolso. Mas eu... com um medo...! Sinceramente, eu tremia mesmo! A dó que eu tive em vir para Brasília foi do tamanho do medo que eu senti com aquele dinheiro. Os dois chefes eram o Sr. Oscar e o Sr. Benedito – Sr. Benedito foi o primeiro chefe que a Zeladoria teve, que a Câmara teve, e o Sr. Oscar foi o segundo, mas quem comandava tudo era o Sr. Oscar. Então, eu disse ao Sr. Oscar, eu disse: “Seu Oscar, por favor.” Ele: “O que que é?” Eu disse: “Por favor.” Ele era um crioulo, igual a mim, mais alto do que eu, disse: “O que é que você quer? Já acabou o seu serviço?” Eu disse: “Por favor, o senhor pode vir aqui?” Ele foi. Chegando lá, eu disse: “Olhe, eu achei esta cédula de 500 reais [cruzeiros] aqui, neste lugar onde está marcado com o giz. Eu lhe aguardei porque o senhor sempre vem aqui na comissão, mas nesse dia o senhor não veio. O que é que eu faço com este dinheiro? Tá aqui o dinheiro.” Ele falou: “Você achou ali embaixo?” Eu disse: “Ali, onde está riscado com o giz.” Ele disse: “Tá bom. Me dê o dinheiro.” Eu dei o dinheiro a ele. “E agora?” O medo. Eu pensei: “Se esse homem não entrega o dinheiro, como é que fica?” Mas fiquei na minha. Eu tinha feito meu papel. Meu cunhado já tinha dito: “Mãos, no que pegam... Olhos, no que vêem...” Aí, entreguei a ele. Passaram uns três dias. Um belo dia, eu estava limpando a sala, chegaram três senhores. Bateram na porta. Eu perguntei: “Quem é?” “Por favor, abra aqui.” Eu abri. Eram eles, da Tesouraria. Um deles perguntou: “Onde você achou esses 500 reais [cruzeiros]?” Eu disse: “Ali embaixo.” Ainda tinha o giz ali, porque eu varria e não tirava. Aí ele falou assim: “Olha, eu vou ver esse dinheiro, conferir para ver. Se faltar em algum lugar, eu aviso a você que é nosso. Se não faltar, vou ver o que eu faço com ele.”

Meu coração doía. Eu ia trabalhar com meu coração saindo pela boca, sinceramente, porque eu sou pobre, humilde, mas, graças a Deus, desde os dez anos que eu trabalho assim na minha honestidade. Aí ele foi lá, apanhou o dinheiro e foi contar. Passados dois dias, Seu Oscar chegou na comissão. Ele deu aquele sorriso, com um charutão na boca, e disse assim: “Olha, já foi feita a Tesouraria todinha.

Esse dinheiro não é de funcionário nem é da Câmara.” Eu disse: “Seu Oscar, então fica com o senhor.” Ele disse: “Não, senhor, é seu.” Eu disse: “Não, senhor.” Foi uma luta. Não aceitei!

No outro dia, chegaram quatro funcionários. Os três com mais um: quatro. Me perguntaram, eu mostrei onde tinha achado o dinheiro. Aí veio o diretor da Tesouraria. Ele olhou e disse: “Olha, Salvador, esse dinheiro não é de ninguém. Procurei os funcionários todinhos daqui. Não é de ninguém. Não é da Tesouraria também. Você vai ficar com ele para você.” “Meu senhor, não vou mentir, não, porque mentir é feio, mas eu quase saí da Câmara porque eu fiquei com medo.” Ele disse: “Não, pode ficar, que ele é seu.” Eu levei esse dinheiro para casa, fiquei um mês com esse dinheiro guardado, sem mexer.

Recebi meu pagamentinho, passava ele para a patroa, mas aquele dinheiro ficava guardado. Quando foi um dia, Seu Oscar falou para mim: “O que você fez daquele dinheiro?” Eu digo: “Seu Oscar, ainda está guardado.” “Você é maluco? Pode ficar com o dinheiro, que o dinheiro é seu. Não foi o diretor que lhe deu? O dinheiro é seu.” Aí foi que eu fui começar a mexer nele.

Esse é o meu método dentro da Casa, desde que eu entrei aqui. Posso encontrar ouro em pó que fica aí. Eu varria, encontrava dinheiro, e tudo que eu encontrava eu entregava na Zeladoria. Esse é o meu lema até hoje. Trabalho nas comissões. Quando alguém esquece coisa lá, quando chega encontra direitinho, porque eu zelo pelo que é dos outros para que o que for meu seja zelado também.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Nesse tempo que o senhor trabalhou aqui, já em Brasília, aconteceram alguns fatos históricos que abalaram um pouco a Câmara. O senhor deve ter passado por eles.

O SR. SALVADOR VICENTE – Passei. Passei.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Procure se lembrar de alguns, e conte como passou por eles.

O SR. SALVADOR VICENTE – Bom, em primeiro lugar, quando houve aquela pequena revolução, a Câmara fechou por três dias.

De manhã cedo nós viemos trabalhar. Nesse tempo a gente entrava lá pelo Senado. Quando nós chegamos, no Senado havia carro de combate, policiais. Os policiais disseram: “Podem voltar.” Nós vínhamos num ônibus cheio. Eles disseram: “Podem voltar! Ninguém vai entrar!” Eu disse: “Mas, senhor, nós viemos cumprir nosso de-

ver.” “Já cumpriu, pode voltar, não entra ninguém.” Aí eu fiquei pensando que ia perder meus dias de serviço: “Como é que eu vou ficar?”. Porque todo mundo... mas eu penso... a gente pensa é na gente, não é? Os outros eu não sabia como iam agir. Resultado: fomos embora.

No prazo de três dias, retornamos todos para trabalhar. Isso marcou muito a minha vida. Eu respeitei e fui respeitado. Porque o soldado também não me tratou mal. Ele só disse: “Pode voltar, que aqui não entra ninguém até segunda ordem.” Eu disse: “Então está bom, praça, muito obrigado.”

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E nesses três dias o senhor via as notícias na televisão?

O SR. SALVADOR VICENTE – Via.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E aquela relação entre estar sendo impedido de trabalhar e as notícias na televisão? Não tinha nada que o senhor pudesse fazer?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, porque a gente ouvia a reportagem dizer que a Câmara estava fechada não se sabia por quanto tempo.

Daí para cá eu ficava esperando. Nunca mais vamos voltar na Câmara, ou vamos voltar um dia? E eu ficava na expectativa, com o ouvido no rádio. No quarto dia anunciaram que a Câmara retomava suas atividades e os funcionários poderiam voltar. Aquilo para mim foi a maior alegria. Eu chorei de alegria (e chorei de tristeza quando não pude trabalhar) quando vi que a Câmara retornou e que eu podia voltar. Eu chorei por não poder estar aqui, porque para mim esta é a segunda casa. A Câmara é para mim minha mãe e meu pai. E foi também minha professora, pois me ensinou a dar os primeiros passos. Então, sinto-me totalmente orgulhoso e feliz por dizer que trabalho na Câmara dos Deputados. Sem convencimento, mas por pura alegria e amor a esta Casa. Em relação ao prédio, eu gosto mais do prédio do Rio de Janeiro. Eu gosto mais do plenário da Câmara do Rio de Janeiro do que deste aqui. Este é bossa nova, não é? O do Rio de Janeiro é bossa velha, eu gosto mais. Mas, a respeito do tratamento dos funcionários, dos deputados, não tenho que me queixar, só que me alegrar.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor mencionou fato acontecido em 1964. O senhor se lembra de outros episódios, de outros acontecimentos?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não estou me lembrando. Eu me lembro assim... dito... porque o que eu não alcancei na Casa, não posso falar. Mas o que eu não estava na Casa... A Câmara fechou, acho, em 1930 e abriu em 1945. Levou quinze anos fechada.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E depois de 1964?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, era tudo normal. De vez em quando era mais [ininteligível] na Casa, mas estava tudo em paz. Nada de anormal para mim. Eu gostei muito de trabalhar durante a Constituinte, com o deputado Ulysses Guimarães. Fui muito bem aceito.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O que o senhor fazia? Em que setor o senhor trabalhava na Constituinte de 1988?

O SR. SALVADOR VICENTE – Eu era assistente de Plenário. Eu dava o microfone para o deputado falar. Anteriormente o microfone era diferente, era daqueles antigos. Aqui havia três microfones. Se fossem dois, o presidente ia falando, eu pedia licença a um deputado e dava para outro deputado falar. Quando o presidente falava, nós dávamos partida para o outro... corríamos o plenário todinho... Todo dia era assim. Era um tanto de microfones, mas a gente tinha de botar na presença do deputado para ele poder falar. E, graças a Deus, nunca deixei uma palavra em branco porque eu era muito rápido.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Correndo de um lado para outro, não dava tempo de prestar atenção no que estava sendo falado?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, sinceramente não dava.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor sabia o que estava sendo discutido ali? O que estava acontecendo?

O SR. SALVADOR VICENTE – Praticamente... Não vou dizer que sabia de tudo porque não... naquela época eu não tinha metade do conhecimento que tenho hoje. Hoje a gente já pesca tudo logo quando eles estão falando. Mas naquela época eu ainda era recruta. Não dava tempo de gravar. Só sei que um deputado estava falando aqui, eu passava o microfone para o outro, era aquele bate-papo, eu levava e trazia o microfone, mas não queria que ficasse uma palavra deles em branco. Eu queria que fosse gravado tudo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Aconteceu alguma coisa na época da Constituinte, algum fato, alguém passou mal, alguém brigou, alguma coisa que tenha chamado a sua atenção?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não. Houve um caso, mas não sei dizer quem era ele porque não cheguei a vê-lo. Foi na Comissão de Constituição e Justiça. Um funcionário passou mal. Eu não lembro quem foi. Eu era mensageiro, estava aqui e ali, quando eu vi aquele monte de gente, a ambulância chegou, apanhou e levou o funcionário. Eu nem sei dizer por que e nem sei dizer quem foi.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Mas no plenário o senhor nunca viu nada?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, só mesmo os deputados falando, às vezes um falava mais alto do que o outro, a gente ficava meio desconfiado, mas terminava em nada. Nunca peguei briga nem discussão de deputado.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor é uma pessoa muito alegre, não é?

O SR. SALVADOR VICENTE – Glória a Deus! Aleluia!

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Então o senhor deve lembrar de algum fato engraçado que tenha acontecido na Casa, alguma coisa pitoresca.

O SR. SALVADOR VICENTE – Deixe-me pensar bem porque tem tanta coisa aqui dentro, mas muitas coisas a gente não consegue capturar.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E com colegas seus...

O SR. SALVADOR VICENTE – É, tinha colegas que eram muito engraçados, faziam graça para a gente rir. A gente vivia uma vida completamente alegre e feliz. Eu não recorro de nenhuma coisa que me tivesse levado a ficar eufórico. Sei que para mim foi uma vida serena.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Sr. Salvador, tinha time de deputado ou tinha time só de funcionário?

O SR. SALVADOR VICENTE – Time?

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – É, time de futebol.

O SR. SALVADOR VICENTE – Tinha. Tinha um time da Associação da Câmara dos Deputados. Lá tinha time de futebol de deputados.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Mas eram só deputados de um lado e só funcionários do outro?

O SR. SALVADOR VICENTE – Sim.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E os dois times jogavam entre si?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Nunca chegaram a jogar?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, que eu me lembre.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Porque aí seria uma briga feia, não é?

O SR. SALVADOR VICENTE – É. Eu não me lembro.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E os deputados jogavam com quem?

O SR. SALVADOR VICENTE – Jogavam com os times da AABB, do Minas Brasília, da ASB e entre eles lá. Mas com a gente...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Com funcionário, não?

O SR. SALVADOR VICENTE – É, com funcionário não.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E como é que o time de funcionários se sentia em relação a isso?

O SR. SALVADOR VICENTE – Sentíamos-nos bem.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Não ficavam chateados? “Ah, não estão querendo jogar conosco...”

O SR. SALVADOR VICENTE – Não, não, porque o respeito era tão grande que nós fazíamos questão de nos mantermos em nosso lugar. Se eles viessem nos procurar, mesmo assim pediríamos permissão para jogar. Mas eles nunca nos chamaram. Ficávamos na retaguarda, mas sempre respeitando.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Tem alguma coisa que não perguntei que o senhor acha importante? Porque esse é um projeto que fala da memória dos funcionários. Estamos querendo contar a história dos funcionários que vieram

do Rio ou que entraram aqui já em Brasília, mas há muito tempo. Tem alguma coisa que não perguntei que o senhor acha que é importante falar?

O SR. SALVADOR VICENTE – Deixe eu lembrar. No momento não está na minha memória, mas só sei dizer que o nosso relacionamento com todos os funcionários que entraram na Casa era ótimo. Dos que entraram em Brasília e nós, que viemos do Rio. Fomos bem aceitos por eles aqui e eles foram bem aceitos por nós também. Quando chegamos aqui nos unimos.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor mencionou um ônibus, chegando aqui de ônibus. Esse ônibus pegava os funcionários onde?

O SR. SALVADOR VICENTE – O ônibus nos pegava no Senado Federal, onde hoje está a Gráfica do Senado. Em frente ao Senado, naquela rampa. Na hora em que a sessão terminava, o ônibus vinha nos apanhar.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E levava...?

O SR. SALVADOR VICENTE – Para casa, cada qual para a sua residência. Trazia de manhã, passava pelas quadras. Ele passava pela Avenida L-2, onde eu moro, e pegava todos os funcionários.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E quem perdesse esse ônibus?

O SR. SALVADOR VICENTE – Se tivesse bicicleta vinha, conforme... outra coisa: a Câmara teve um grande ciclista, que fui eu. Eu viajei em Brasília, há quarenta anos, de bicicleta. Eu ia de bicicleta para o Gama, Taguatinga, Sobradinho, Núcleo Bandeirante. Eu e o Sr. Pedro, que morreu, andávamos de bicicleta. Mas ele não andava mais do que eu porque era mais velho. Eu era um atleta. Eu comprava nessa época por atacado, no Núcleo Bandeirante. A família estava crescendo. Eu comprava um saco de feijão, um saco de arroz, uma caixa de leite em pó e pedia para eles, do atacado, virem trazer. Eles diziam que não podiam trazer porque dava prejuízo. Eu passava uma manhã de bicicleta, saía daqui da Asa Norte, defronte à UnB, e ia lá ao Núcleo Bandeirante. Botava um saco de feijão na minha bicicleta e uma caixa de sabão no guidom e vinha de lá até aqui. Fazia duas viagens por dia ao Núcleo Bandeirante e trazia todas as minhas compras. Eu ia ao Ceasa, comprava uma caixa de cenoura, uma caixa de chuchu, uma caixa de batata inglesa. Eles não queriam trazer. Eu buscava de bicicleta. Fazia três viagens. E graças a Deus...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Sr. Salvador, uma curiosidade. Quando foi criada a terceirização para o serviço da Zeladoria, o pessoal da Zeladoria se sentiu ameaçado?

O SR. SALVADOR VICENTE – Não. Principalmente sentimos...

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Ou gostou de...

O SR. SALVADOR VICENTE – É, nós estranhamos a vida. Porque o convívio ali era de pessoas iguais. Quando chegamos ao gabinete, aí começaram com esse negócio de PL e os funcionários foram subindo. Tinha PL-9, PL-8, PL-10. Eu era PL-16, que era o último. Nós éramos reservas. Eu entrei na Câmara como reserva. Tinha o PL-9, PL-10, PL-11, PL-12. Esses PLs ficavam “meio assim” com a gente... queriam se destacar um pouco. Eu, que era PL-16, o último que tinha, vivia com a minha humildade e com o meu ser. Eu era PL-16, o primeiro nível que peguei na Casa, mas quando foi em 1966 a Câmara extinguiu esse grau e veio uma reformulação. Aí eu subi. Eu fui para auxiliar de Plenário. Eu já era contínuo, mas passei para auxiliar de Plenário. Antes eu vivia dando microfone, mas era reserva. Quando fui para auxiliar de Plenário fiquei com mais liberdade, mais acesso à Casa. Daí eu fui subindo e hoje cheguei ao grau em que estou.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E hoje qual é a sua classificação? Qual é a sua função?

O SR. SALVADOR VICENTE – Analista legislativo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Com 43 anos de Casa, quais são os seus projetos para aposentadoria?

O SR. SALVADOR VICENTE – O meu projeto resulta em duas coisas: resolver esse meu problema do Rio de Janeiro para eu ir embora e minhas duas filhas que estão se formando. Eu tenho cinco filhos. Os três homens – já viu, não é? – não quiseram estudar, arranjaram família para me dar mais trabalho. E as duas moças, glória a Deus, me dão muita honra. A mais velha já se formou em Análise de Sistemas e agora está se formando em Economia, e a menor vai se formar agora em Secretariado. Então, elas são solteiras, estão dentro de casa, são maiores, não trabalham e eu não faço questão de que elas trabalhem, faço questão de que elas trabalhem no estudo, dando alegria e prazer a mim, à mãe delas e a todos que as conhecem.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Sr. Salvador, então vamos combinar para pegar essas fotos com o senhor.

O SR. SALVADOR VICENTE – Sim.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Queremos agradecer a sua presença, a sua participação no nosso projeto.

O SR. SALVADOR VICENTE – É uma honra. E mais coisas de que eu me lembrar terei satisfação em contar depois.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Entre em contato conosco, por favor.

O SR. SALVADOR VICENTE – Está bem.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Muito obrigada.